

## QUEM É VOCÊ?

Valéria Viana Sousa\*

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Historicamente, o **Pronome Você** surgiu a partir de mudanças sofridas pela forma de tratamento Vossa Mercê, locução nominal constituída por um nome acrescentado a um substantivo, que teve origem nos fins do século XIV, em Portugal, como forma de tratamento à realeza.

Atualmente, temos o **Pronome Você** ainda estudado, na maioria das gramáticas tradicionais, como pronome de tratamento e, em algumas, como pronome pessoal do caso reto que substitui o tu.

Concebendo a língua como heterogênea, histórica, variável e socialmente construída por sujeitos sócio-cognitivos, neste artigo, através de um sutil diálogo com a música *Noite dos Mascarados* (Chico Buarque), analisaremos a organização referencial do signo lingüístico **Você** na perspectiva da Lingüística Textual.

Iniciaremos a discussão teórica a partir da noção de signo, realizada por Ferdinand Saussure, e, em seguida, apresentaremos a proposta do triângulo de Richards e Ogden. Realizadas essas abordagens, mostraremos a relação existente entre essas propostas e a discussão sobre referenciação, abordando objetos do mundo e objetos do discursos em Mondada (2003), Mondada e Dubois(1995), Koch e Marcuschi(1998) e em Koch e Marcuschi(2002).

Evidenciaremos, então, focalizando o **Pronome Você**, no *corpus* do VALPB (Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba), que esse pronome possui o referente flutuante, ora sendo utilizado no discurso para designar o falante, ora sendo utilizado para designar o ouvinte e, em outros momentos, ainda, sendo utilizado, genericamente, a fim de designar um sentimento coletivo.

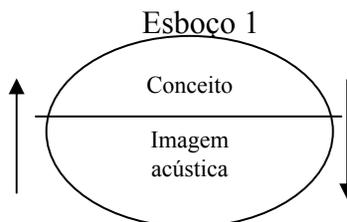
*Quem é você, diga logo  
que eu quero saber o seu jogo*

Ferdinand Saussure (1995), estabelecendo uma crítica aos estudos realizados sobre a língua até aquele século, a saber, século XX, afirma ser equivocado conceber a língua como uma “lista de termos(sic) que correspondem a outras tantas coisas”. Para o teórico estruturalista, essa concepção é susceptível à crítica por, entre outros fatores:

- supor a existência de idéias feitas antecedendo (preexistentes) às palavras;
- supor que a relação existente entre nome e coisa constitua uma operação simples.

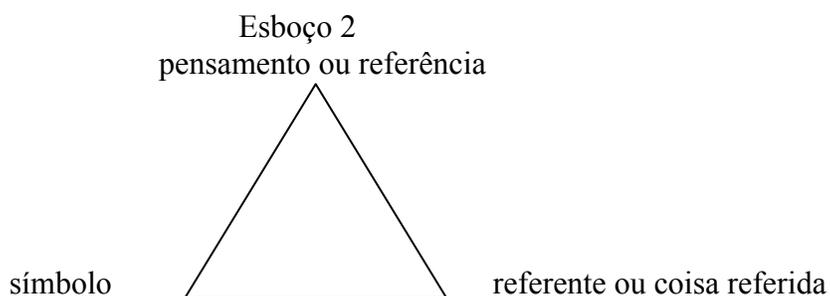
Na concepção estruturalista, o signo lingüístico não é o resultado da associação entre uma coisa e uma palavra, mas uma entidade psíquica de duas faces intercomplementares: conceito e imagem acústica. Elementos que podem também ser

nomeados como significado e significante e que poderiam ser representados da seguinte forma:



Neste esboço, as setas, em direções antagônicas, refletem o movimento do conceito e da imagem acústica pelo qual perpassa o signo.

Richards e Ogden(1923), retomando os estóicos, propõem, com relação à teoria do signo lingüístico, o acréscimo de um outro elemento: a coisa referida. Assim, a representação do signo lingüístico, ora binária, através do Significante e do Significado, passaria a ser uma relação triádica, esboçada através de um triângulo.



A proposta apresentada por Richards e Ogden preserva a relação entre significante e significado estabelecida por Saussure e, ainda, adiciona o elemento denominado referente ou coisa referida que, no discurso, representa o elemento relacionado à realidade sociocultural. Com essa representação, os estudiosos Richard e Ogden (1923) estariam, de certa forma, reparando a extradição do referente realizada no estruturalismo.

Podemos perceber que, ainda que em um número reduzido de apenas duas representações, não há um consenso entre as terminologias usadas, mas o que nos interessa, a rigor, nesse artigo, é, discutindo as diferenças conceptuais, focalizar a coisa referida ou o referente **Pronome Você**, no ato discursivo.

Percorrendo as gramáticas tradicionais, vemos que os pronomes, geralmente, são definidos como a classe gramatical “(...) que desempenha na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais” ( CUNHA & CINTRA, 1985,p.268) , como “ (...) a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo” ( ALMEIDA, 1985,p.170) ou ainda “ (...) é a palavra que denota o ente ou a ele se refere considerando-o apenas como pessoa no discurso.” (SAID ALI,1985,p.61). Os pronomes servem, dessa forma, apenas para representar ou acompanhar um substantivo.

Essa definição restrita, que corresponde à origem do termo<sup>1</sup>, concretiza-se universalmente, o que configura um problema em nível de linguagem. Para Benveniste (1995) é preciso evidenciar, no estudo sobre pronomes, que

os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as ‘instâncias do discurso’, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor.(BENVENISTE,1995,P.284)

Parece-nos que a língua, na busca pela validação do seu potencial expressivo, permite que as relações entre objetos e coisas sejam reconstruídas no discurso e o pronome, classe em estudo, tem-se mostrado como um signo que possui o significante flutuante.

A esse respeito, Benveniste (1995 )diz “...formas ‘pronominais’ não remetam à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego. (BENVENISTE, 1995,p.280)

Quando questionamos, então, **Quem é você?** Insinuamos as seguintes questões : (i)Existirá um significado único e estável para o significante **Você**, conforme esboço 1? (ii) Ou o significado (pensamento ou referência) para o significante (símbolo) **Você** é dependente do contexto discursivo e só poderá ser identificado no discurso no qual está sendo realizado/ou inserido,conforme esboço 2?

***Não me diga mais quem é você  
Amanhã tudo volta ao normal***

Na teoria gramatical, no entanto, como há uma forte tendência à conservação, as classes gramaticais assumem papéis específicos e pontuais. A palavra carro-chefe é estabilidade. Contrapomo-nos essa suposta estabilidade com um outro o olhar voltado para a instabilidade da referência. Pensemos, agora, não mais em elementos que parecem ter nomes escritos nos rótulos, elementos etiquetados previamente e que devem carregar, ao longo de sua existência, esses valores; mas em termos que, no discurso, perdem, em certos momentos, aqueles seus conhecidos rótulos e adquirem outros.A esse respeito, Mondada (2003) diz

no lugar de pressupor uma estabilidade a priori das entidades no mundo de na língua é possível considerar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e lingüística, assim como de seus processos de estabilização. (MONDADA,2003,P.19)

---

<sup>1</sup> Etimologicamente, o verbete **pronome**, originado do Latim *pronomen* (preposição *pro* mais substantivo *nomen*) significa “ em lugar do nome”.

Essa instabilidade do signo é considerada como um problema para alguns, em especial os gramáticos, tendo em vista que abala a estrutura do que é visto como universal e único. Mas é importante entendê-la como o resultado de um processo interacional de uma língua em uso, e, sobretudo, reconhecê-la como uma propriedade inerente a um discurso do qual participam sujeitos sócio-cognitivos<sup>2</sup>.

O discurso abarca a relação entre linguagem, mundo e pensamento. A partir dessa proposição, concebemos que os seus referentes não são entidades apriorísticas e estáveis, com um significado sempre relacionado a um mesmo significante, mas, sim, entidades construídas, nas quais o significado se revela no evento discursivo. Temos, então, em um processo discursivo, referentes que constituem objetos de discurso – entidades alimentadas e reproduzidas pela atividade discursiva – e não objetos de mundo – entidade extra discurso e extra mentais.

Para Koch (2002),

A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar, ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidade designadas são vista como objetos –de-discurso e não como objetos-do-mundo.(KOCH, 2002, P.79)

Daí, “*não me diga mais quem é você*”, pois não nos parece possível afirmar que o **Pronome Você** possua apenas um referente único, estável independente do processamento discursivo-textual do qual participa.

Para finalizarmos a discussão sobre referenciação, apresentaremos a tipologia proposta por Koch e Marcuschi(1998), entendendo que a referenciação ora se encontre explícita e ora se encontre implícita no texto:

1. *Referenciação explícita*, no qual há uma vinculação textual entre os termos e o termo antecedente está marcadamente expresso.  
*O rapaz está usando o computador. Ele chegou agora.*
2. *Referenciação implícita*, no qual há uma vinculação textual, há uma correferenciação e não uma co-significação.  
*O casal brigou. Ela estava nervosa.*
3. *Referenciação implícita*, no qual há uma vinculação contextual, há uma correferenciação e não uma co-significação.  
*Lá, os carros são barulhentos e as normas chatas, aqui não tem nada disso.*
4. *Referenciação implícita*, no qual há uma vinculação situacional, não- textual.  
Não há correferenciação nem co-significação.  
*O rapaz caiu. O esperto logo se limpou e saiu disfarçadamente.*

<sup>2</sup> Tomamos aqui a noção de sujeito sócio-cognitivo de Mondada(2003). “Um sujeito que constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças as categorias notadamente às categorias manifestadas no discurso.”

***Que hoje eu sou  
da maneira que você me quer***

O **Pronome Você** é resultado do pronome de tratamento Vossa Mercê que era usado como referência ao Rei de Portugal, Dom João III. Durante algum tempo, a forma nominal Vossa Mercê era usada como termo honorífico ao Rei. Os súditos apresentavam as suas insatisfações e requerimentos e solicitavam a mercê (graça) do soberano. No entanto, com o passar dos anos, o seu uso foi estendido aos nobres e, em seguida, aos burgueses. Segundo Cintra(1972), o pronome de tratamento Vossa Mercê, *a priori*, era usado para duques e infantis e, *a posteriori*, para simples fidalgos, chegando, ainda, na época de Gil Vicente, século XVI, a ser a forma escolhida por patrões para se dirigirem aos criados.

O **Pronome Você** é, ainda na atualidade, classificado como pronome pessoal de tratamento e, em alguns casos, encontramos o referido pronome como substitutivo do pronome tu. Embora, reconhecendo como significativo o deslocamento do **Pronome Você** da condição de pronome pessoal de tratamento para pronome pessoal do caso reto, é notória a carência que existe no que diz respeito a estudos sobre a referência do **Pronome Você**.

A referência canônica do **Pronome Você**, reconhecida nas gramáticas tradicionais, é relacionada ao ouvinte – P2, mas, nos textos recolhidos no *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba –VALPB, foi possível ver o **Pronome Você**, como referência implícita: sem correferencialização e sem co-significação, metamorfoseando-se e trazendo referências outras, distintas da tradicionalmente proposta, como:

- fazendo referência ao próprio falante – Função P1
- fazendo referência ao ouvinte, condição mais aceita tradicionalmente nos textos escritos – Função P2
- fazendo referência a um grupo que possui características e hábitos semelhantes – Função genérica

O **Pronome Você**, nessa perspectiva, possui um único significante, mas um significado móvel, que fica, de fato, a mercê do ato discursivo e da interação entre os falantes, podendo ora atuar como falante, ora como ouvinte ou ainda como uma função genérica, quando se refere ao falante, ao ouvinte e a todos que compartilhem das características e hábitos apresentados. Tomando assim, no discurso, a forma que o interlocutor deseja ou, em outras palavras, “*eu sou da maneira que você me quer.*”.

É válido ressaltar que, no processo discursivo-interacional, embora os referentes não estejam lexicalizados nem anterior nem posteriormente ao pronome, os interlocutores, a rigor, sem maiores problemas, conseguem entender a referência a que o **Pronome Você** em uso está a serviço. Podemos afirmar que os sujeitos, responsáveis pela existência das referências, tendem a “estabilizar a instabilidade” momentânea. Os interlocutores, portanto, fazem inferências do que se é tratado referencialmente, o que nos permite considerar que a “flutuação da coisa referida”, suscitada com o uso do **Pronome Você**, não causa descontinuidade, nem instabilidade ao texto, e, dessa forma, não compromete a coerência discursiva do mesmo.

Salvo em certas ocasiões, como nos diálogos seguintes:

- Olha, pense no momento em que você está andando no *shopping*, vendo vitrines e...
- Eu não vou ao *shopping* olhar vitrines.

Ou em exemplos, como:

- Sabe quando você está no mundo da lua....
- E o interlocutor surpreendentemente, diz:
- Eu não!!! (Como se afirmasse: Eu nunca ando no mundo da lua)

Nesses casos, o falante acredita que possa contar com o conhecimento de mundo do ouvinte e com a situação interacional para que sua fala seja homologada, mas, havendo problemas na interação, o ouvinte reage por não conseguir estabelecer adequadamente a referência proposta ao **Pronome Você**, que, nos exemplos 1 e 2, teria como referência a função P1 e a função genérica, respectivamente, e que foram entendidos pelo ouvinte apenas como P2.

***Seja você quem for  
Seja o que Deus quiser***

A fim de analisarmos as referências propostas pelo locutor ao enunciar o **Pronome Você**, serviremo-nos, a partir de agora, do *corpus* do VALPB.

Organizamos, no intuito de propiciarmos uma visão mais clara da análise do **Pronome Você**, quadros, numerados de 1 a 5 (conforme o grau de escolaridade), contendo três grupos de informações:

- texto – no qual há transcrição do fragmento da fala;
- perfil do locutor – no qual há informações sobre sexo, idade e as iniciais do locutor;
- análise – no qual há a classificação da função pronominal do **você** no fragmento transcrito e uma sucinta reflexão sobre a referência realizada.

E, após a exposição dos quadros, quando julgamos necessário, realizamos um comentário sobre o uso do **Pronome Você** naquele(s) enunciado(s).

**QUADRO I – nenhum ano de escolarização**

TEXTO	PERFIL DO LOCUTOR	ANÁLISE
<p><i>Aí um dia o pastô0 passô aí disse : “Irmão, porque <b>você</b> num vai?” &lt;Eu digo&gt;: “Sabe de uma coisa? &lt;primeiro&gt; eu num vô na igreja? porque felizmente tem um grande nome ali, né? diz “Assembléia de Deus, né?” Ele disse: “É”. Eu digo: “Apoi0, <b>você</b> diga àquele pastô:: que ele tire aquele nome de Assembléia de Deus) e bote Assembléia da Mangação.</i></p>	<p>Informante: AJM Faixa Etária : 50 anos em diante Sexo: Masculino</p>	<p><b>você</b> = P2</p>
		<p><b>você</b> = interlocutor da narrativa contada pelo locutor. Na primeira ocorrência do <b>você</b>, o interlocutor é o próprio locutor e, na segunda ocorrência do <b>você</b>, o interlocutor é um pastor com que o locutor dialoga.</p>
<p><i>Se <b>você</b> fo0 [estatu] estatutário, eles preenche0, <b>você</b> vem pa cá que eu lhe aposento. Se fo0 CLT é por lá. Aí, eu tava como CLT</i></p>		<p><b>você</b> = Função genérica</p>
		<p><b>você</b> = locutor, na condição de alguém que deseja aposentar-se</p>
<p><i>Digo : Não, <b>você</b> tem que ir meu filho, olhe, <b>você</b> veja sua mãe e seu pai se num tivesse estudado, agora não vivia que nem a gente vive.</i></p>	<p>Informante: SMPS Faixa Etária : 26 a 49 anos Sexo : Feminino</p>	<p><b>você</b> = Função P2</p>
		<p><b>você</b> = interlocutor da narrativa contada pela locutora, neste caso a mãe dialoga com o filho</p>

A função P2 , utilizada como referência para o **Pronome Você**, tradicionalmente aceita, foi muito utilizada nessas entrevistas pelos locutores quando expunham narrativas.

**QUADRO II- 1 a 4 anos de escolarização**

TEXTO	PERFIL DO LOCUTOR	ANÁLISE
<i>Á! feyz tudo ! feiz falta tudo (ruído), &lt;pre-&gt; me prejudicar muito, muito, muito mehmo ainda, ainda hoje me prejudica muito, porque, afinal de conta , é como diz-(ruído) muitas coisas <b>você</b> ainda fica ainda gaguejano (gaguejo) pra puder lá, quer dizer um-uma letra bem r[apida, <b>você</b> tem <i>Qui ler</i>, <b>você</b> vai demorar mais, e se <b>você</b> nunh quiser demorar- <u>eu</u> tenho <i>Qui perguntar ã uma pessoa que sabe ler</i></i>	Informante : NPL Faixa Etária : 26 a 49 anos Sexo: Masculino	<b>você</b> = Função P1 <b>você</b> = locutor na condição de uma pessoa que abandonou os estudos
<i>Ele é: era liberal demais menina, <u>a gente</u> fazia prova aí,ói, até se <b>você</b> quisesse filar , ele não tava nem aí. Filava tranquilo, fazia prova, mais::, levantava dúma cadeira, chegava em outra assim, da menina, filava e ele ói:: era muito liberal.(risos). Nunca vi professor igual.</i>	Informante: EFS Faixa Etária : 15 a 25 anos Sexo : Feminino	<b>você</b> = Função P1 <b>você</b> = locutor na condição de aluno

É tênue o limite que, por vezes, separa a Função P1 da Função genérica. Tentamos, no entanto, esclarecê-las através do contexto e da exposição de outros pronomes que, eventualmente, estiveram presentes nas falas.

O **você**, para o informante NPL, é usado para fazer referência ao próprio locutor. Fato que é marcadamente expresso, na sentença seguinte, com o uso do pronome eu. E o **você**, usado pela informante EFS, aparece no enunciado após o uso do pronome a gente, o que demonstra uma particularização de P4 para P1.

**QUADRO III : 5 a 8 anos de escolarização**

TEXTO	PERFIL DO LOCUTOR	ANÁLISE
<i>o camarada foi soldado antigo dava um grito num recruta ele baixava mesmo porque se não , ia pra caneta, ia pra cadeia, e daí era o o direito que a gente tinha. <b>Você</b> saísse sem a reservista, <b>você</b> era um camarada classificado neutro pro mundo, porque você tinha que ser obediente só que aquilo era frisado a cada instante.</i>	Informante : RRB Faixa Etária : 50 anos em diante Sexo : Masculino	<b>você</b> = Função genérica <b>você</b> = pessoas na condição de reservista
<i>Aí o o o moço da obra disse: “ Tenha vergonha meu compadre, como é que <b>você</b> repara um serviço que dois milhões, <b>você</b> vai dá vinte miréis o moço; <b>você</b> num vai dá isso não, <b>você</b> pode meter a mão no bolso , <b>você</b> devia dá no mínimo duzentos a ele”</i>		<b>você</b> = Função P2 <b>você</b> = interlocutor que o locutor dialoga na narrativa contada.
<i>Ah, eu gostava de: era barra bandeira, era garrafão ,era corrida de saco, era pula corda, deixa eu vê ôutra , aí chama, é , academia, era toca; era brincadeira,era as brincadeira de criança mesmo, Qui hoje <b>você</b> não vê. * Brincar de roda, brinquei muito de roda; hoje <b>voê</b> não vê isso.</i>	Informante : MJC Faixa Etária : 26 a 49 anos Sexo: Feminino	<b>você</b> = Função genérica <b>você</b> = qualquer pessoa, na condição de apreciador das brincadeiras classificadas como brincadeiras de antigamente.

Estabelecendo uma comparação entre os três primeiros quadros, é notório que, quando o locutor NPL, comentando sobre a aprendizagem da leitura, afirma “ muitas coisas **você** ainda fica gaguejano”, refere-se a ele mesmo. Certamente, se perguntássemos a ele **quem** está gaguejando, ele nos responderia “ eu”, pois a ação de gaguejar foi muito específica à condição da sua pessoa.

Ao passo que, em AJM, quando esse diz “ Se **você** fo0 [estatu] estatutário, eles prenche0”, caso utilizássemos a pergunta “quem?”, provavelmente ele nos reponderia “ quem for estatutário”. Da mesma forma, no quadro III, os informantes RRB e MJC, usam **você** para fazer referência a “todos” que estejam na condição de reservistas e a “todos” que apreciem as brincadeiras antigas e hoje não as veja mais, respectivamente.

**QUADRO IV : 5 a 8 anos de escolarização**

TEXTO	PERFIL DO LOCUTOR	ANÁLISE
<i>Rapaz, em cem por cento eu acho que não. Mas em noventa por cento, sim. Que hoje <b>você</b> chega em casa, a primeira coisa que <b>você</b> faz eu acho que é ligar a televisão. <u>Eu</u> mesmo faço assim, quando eu entro ligo logo a televisão.</i>	Informante : VLB Faixa Etária : 15 a 25 anos Sexo : Masculino	<i><b>você</b> = Função genérica</i> <i><b>você</b> = qualquer indivíduo da atualidade</i>
<i>É um coisa muito boa, porque você tem que saber trabalhar com algumas coisas, por exemplo, <u>eu</u> estudo e faço teatro, certo?</i>		<i><b>você</b> = Função genérica</i> <i><b>você</b> = expõe a concepção de que todos devem trabalhar</i>
<i>Tive demais . Eu tinha vontade de ter mais irmãos, porque a gente, filho único, <b>você</b> sabe, é aquela coisa, é muito carinho, é muito, é muito cuidado.</i>	Informante : CP Faixa Etária : 50 anos em diante Sexo : Feminino	<i><b>você</b> / <b>cê</b> = Função P2</i> <i><b>você/cê</b> = referência ao entrevistador</i>
<i>Olha lá! Faz um bocado de tempo,num é? Naquele tempo as moças, <b>cê</b> sabe, que que as moças eraO inocenteO mesmo, era virgem, mesmo , num é?</i>		

Interessante observar que o **você**, nos exemplos do falante VLB, faz referência genérica a um indivíduo com características e hábitos semelhantes ao do locutor VLB. Mas esse indivíduo não é ele, pois, após as sentenças marcadas com a presença do **você**, há uma particularização realizada através do uso do pronome eu.

O falante CP, por sua vez, embora alternando a forma **você** com a forma **cê**, faz referência à figura do entrevistador em ambos os casos.

**QUADRO V : mais de 11 anos de escolarização**

TEXTO	PERFIL DO LOCUTOR	ANÁLISE
<i>É um curso muito importante porque como é é um cursinho que &lt; que&gt; pra que quando <b>você</b> quer saber se tá teno algum roubo numa empresa, numa estatal, <b>você</b> precisa de um contador pra fazer auditoria, <b>você</b> precisa saber</i>	Informante : MV Faixa Etária : 15 a 25 anos Sexo : Masculino	<i><b>você</b> = Função P1</i> <i><b>você</b> = locutor que argumenta sobre a importância de estudar Ciências Contábeis</i>
<i>Eu vejo eu vejo terrível essa onda de de crimes que acontecem, mas veja bem, se elas recebem violências, elas podem dar violência. Se <b>você</b> der um carinho pra ela, ela vai dar um carinho pra <b>você</b>, mas se <b>você</b> dar violência pra essas crianças, elas só podem retribuir com violência. Então eu acho que como eu disse a <b>você</b>, o governo tem que ajudar essas crianças tem que dar apoio</i>		<i><b>você</b> = Função genérica</i> <i><b>você</b> = qualquer indivíduo que faça parte de uma sociedade que tenha marcas de violência como fruto de uma injustiça social.</i>
<i>Como? Bem, tendo as informações do dia a dia, né?É... as coisas que acontecem no Brasil, na Paraíba, no seu próprio bairro, fazendo assim com que <b>você</b> esteja [pre-] por exemplo se for um caso policial se se tem algum algum preso solto, <b>você</b> vai ter que tomar alguns cuidados, né? Na política <b>você</b> vai ter que tomar outras outras atitudes quando for pa votar votar em algum candidato.</i>	Informante : PAM Faixa Etária : 15 a 25 anos Sexo : Feminino	<i><b>você</b> = Função genérica</i> <i><b>você</b> = um leitor de jornal diante de notícias de cunho policial e de cunho político.</i>

O informante MV, na primeira ocorrência transcrita, ao falar sobre a importância do curso, procura demonstrar, fazendo uso do **você**, como esse curso será útil para ele. E, na segunda ocorrência, para defender a proposição de que “se todos derem carinho mutuamente, o mundo será bem melhor”, o locutor usa o **você**, na função genérica.

Nessa ocorrência, fica patente que o uso do **você**, na função genérica (quando procura demonstrar práticas habituais, ações comuns), parece ser um modo eficaz de sensibilizar o interlocutor, e, assim, constitui uma interessante estratégia para uma orientação argumentativa. A nosso ver, o informante MV utilizou essa estratégia para tecer comentário sobre a injustiça social e, principalmente, para enfatizar a contribuição que cada

cidadão pode dar; e a informante PAM utiliza, no seu discurso, o **você** para argumentar como a leitura de um jornal é importante para as pessoas.

Ainda que, a partir de um número de limitado de falantes e, conseqüentemente de amostras, observando o conjunto de ocorrências do **Pronome Você**, apresentadas nos cinco (5) quadros, notamos que:

- **o grau de escolaridade** –

Fator que não teve grande relevância, tendo em vista que as referências do **Pronome Você** distribuíram-se nos cinco quadros. Contudo, é de se notar que o uso do **Pronome Você** como P2, função tradicionalmente aceita, foi melhor marcada no quadro I, que corresponde aos falantes de menor escolarização.

Acreditamos que seja a primeira referência a que o falante tenha contato, como resultado de uma tradição.

- **a faixa etária** -

Fator que nos chamou a atenção por ter, na primeira faixa etária, pessoas de 15 a 25 anos, aproximadamente 66% de ocorrência do **Pronome Você** com função genérica e, na terceira faixa etária, pessoas com mais de 50 anos, 75% de ocorrência do **Pronome Você** com função P2.

A nosso ver, há uma estreita relação entre a idade mais avançada dos falantes e as ocorrências predominantemente narrativas, daí o **Pronome Você** ser usado com uma maior frequência como P2.

- **o sexo** -

Os homens e as mulheres usam as referências do **Pronome Você**. Os homens, cerca de 55%, marcam com maior evidência as suas falas com o **Pronome Você** na função genérica, talvez na tentativa de socializar as suas atitudes, anseios com todos os componentes do grupo a que se refere.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso trilhado pelo **Pronome Você** trouxe resultados significativos quer seja em relação à forma VOSSA MERCÊ > VOCÊ, quer seja em relação à essência, VOCÊ atribuído, unicamente à segunda pessoa, que passa, então, a referir-se também a P1 e a ter uma função genérica.

É preciso ressaltar que, no presente estudo, não foi a nossa pretensão expor apenas que o *significante você* possui outros *significados*, além do P2 (ouvinte), mas que esses *significados* do *significante você*, que não são intrinsecamente do *signo você*, só são instituídos, enquanto realidade, no ato discursivo.

Por fim, apropriando-nos de uma interessante metáfora utilizada por Marcuschi (1998) “*o nosso cérebro não é uma Polaroid semântica*”, diríamos, respaldados nessa proposição, que responder a nossa pergunta inicial “**Quem é você?**” afirmando que **você** sempre se refira à segunda pessoa é como acreditar que o nosso cérebro seja uma máquina fotográfica que apenas tenha condição de refletir a imagem fotografada e negar toda a capacidade que temos de, enquanto sujeitos sócio-cognitivos, elaborarmos e reelaboramos a linguagem num processo discursivo interacional.

**REFERÊNCIAS**

- ABAURRE, M<sup>a</sup> Bernadete M & RODRIGUES, Angela C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- ALMEIDA, Napoleão M. de. **Gramática metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1985.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 4.ed. Campinas :Pontes, 1995.
- CARDOSO, Sílvia Helena B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena, (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- CINTRA, Luía F. L. **Sobre as formas de tratamento na língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte, 1972.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DA HORA, Dermeval; PEDROSA, Juliene L.R. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: Idéia, 2001.5v
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore G. Villaça & MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de Referenciação na Produção Discursiva. **D.E.L.T.A**, vol.14, n° especial, 1998.
- PRETI, Dino. **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.
- RICHARDS, I. A. e OGDEN, C.K.C. **The meaning of meaning**. Londres, 1923.
- SAID ALI., M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- SAUSSURE, F.de. **Curso de lingüística geral**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

